

UM CONVITE PARA O DIÁLOGO EM TEMPOS DE PANDEMIA

AN INVITATION FOR DIALOGUE IN PANDEMIC TIMES

Monica da Silva Francisco **1**
Jonas Alves da Silva Junior **2**

Mestre em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Doutoranda em Educação pela mesma instituição. **1**
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1005166552624537>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0285-6227>.
E-mail: amonicafrancisco@gmail.com

Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (FE/USP), **2**
e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDUC) e da
graduação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É líder do
LEGESEX - Laboratório de Estudos de Gênero, Educação e Sexualidades (UFRRJ/
CNPq). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8739436055461717>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7809-5164>.
E-mail: ufrjjonas@gmail.com

DAVIS, Angela. KLEIN, Naomi. **Construindo movimentos: uma conversa em tempos de pandemia**. São Paulo. Boitempo Editorial. 2020.

O livro “Construindo movimentos: uma conversa em tempos de pandemia” originou-se de um encontro virtual, organizado pela coalizão de movimentos sociais *The Rising Majority*, que aconteceu no dia 2 de abril de 2020 e reuniu importantes ativistas sociais dos Estados Unidos e África do Sul, como Cindy Wiesner (*Grassroots Global Justice*), Maurice Mitchell (*Working Families Party*) e Loan Tran (*Southern Vision Alliance*). A mediação do encontro ficou a cargo de Thenjiwe McHarris (*Blackbird*) e contou com a participação de Angela Davis e Naomi Klein para discutirem os impactos da pandemia na vida da população mais vulnerável: mulheres, negros, pessoas aprisionadas, crianças, moradores de rua e trabalhadores sem teto.

Angela Davis e Naomi Klein, organizadoras do livro, são ativistas consagradas e de grande repercussão mundial. Klein é jornalista e escritora canadense. Em 2001, lançou o livro “Sem Logo - A tirania das marcas em um planeta vendido” que, para vários especialistas, se configurou num manifesto político do movimento antiglobalização. Já Davis é filósofa, escritora e professora estadunidense. Desde a década de 1960, ela luta pelos direitos da população negra e das mulheres nos Estados Unidos. Seus estudos têm influência do marxismo e da Escola de Frankfurt, e suas teorias giram em torno da luta pela igualdade racial e de gênero, além de destacar a relevância do feminismo negro, com o intuito de reconhecer e combater os obstáculos que assolam as mulheres negras na sociedade, sob um olhar interseccional atravessado pelas questões de gênero, raça e classe. Davis (2020), em uma *live* recente, disse que se considera “*communist, evolutionist, internationalist, anti-racist, anti-capitalist, feminist, black, queer, activist, for the working class, revolutionary, intellectual communities builder*”.

“Qual é a sua avaliação sobre esta crise sem precedentes? O que ela nos diz sobre as falhas do capitalismo atual? Quais são as ameaças das soluções provenientes do capitalismo do desastre?” (MCHARRIS apud DAVIS; KLEIN, 2020, p. 10-11). É a partir dessas indagações que McHarris convida Angela Davis e Naomi Klein para o debate virtual que compõe a primeira parte do livro. Em seguida, na segunda parte, juntam-se a elas os/as demais ativistas para discutirem os impactos globais da pandemia. Todos/as afirmam, em uníssono, que as populações historicamente desassistidas estão sofrendo um impacto maior em decorrência da pandemia, mesmo em países desenvolvidos como os Estados Unidos. Lá, o fator racial é mais significativo, uma vez que o alto número de negros e latinos que compõe os grupos de pessoas aprisionadas, dentro do que McHarris nomeia como capitalismo racial, têm relação com “o interesse de executivos, corporações, acionistas e alguns ricos que valem mais do que milhões de pessoas, ou até que o próprio planeta” (DAVIS, KLEIN, 2020, p.5).

O termo **capitalismo racial** aproxima-se do conceito de **necropolítica** desenvolvido pelo filósofo camaronês Achille Mbembe (2018, p. 16), quando este afiança que “a política só pode ser traçada como uma transgressão em espiral, como aquela diferença que desorienta a própria ideia do limite. Mais especificamente a política é a diferença colocada em jogo pela violação do tabu”. A escrita do filósofo traz a ideia da diferença como linha divisória nas ações implementadas dentro da política. A partir dessa ideologia compreendemos que determinados povos e populações possuem direitos relativos à saúde, água potável, saneamento básico e à manutenção de suas vidas, em detrimento de outras e, com base nessa naturalização da diferença na valoração dos sujeitos, proposta pelo Estado, começa “a materialização dessa política que se dá pela expressão da morte” (idem).

Mbembe (2018) recorre a Michel Foucault, especificamente na última aula do curso “Em defesa da sociedade”, de 1976. Nesta obra, Foucault (2000) argumenta em prol de um entendimento de como o racismo de Estado seria um dos mecanismos do biopoder e da biopolítica. Com base no poder de “fazer viver e deixar morrer”, o racismo de Estado fixaria os requisitos de permissividade para quem vive e para quem morre. Nesse sentido, Mbembe (2018) avança ao evidenciar como o biopoder é deficiente para depreender as relações de hostilidade e perseguição contemporâneas, uma vez que existe uma necropolítica em vigor para engendrar os “mundos de morte”.

O conceito de necropolítica encaixa-se perfeitamente na maneira com que o Governo

Bolsonaro se posiciona na gestão da crise sanitária e humanitária, primeiro na contínua afirmação que só as pessoas idosas e indivíduos do grupo de risco seriam vitimadas pela doença, de modo que esses grupamentos permaneceriam isolados, enquanto as pessoas de outras faixas etárias continuariam mantendo suas rotinas. Essa narrativa do governo caracteriza o desprezo pela crescente população idosa e pobre do país e serve como triste exemplo da aplicação prática da necropolítica em terras brasileiras.

Ao longo do livro, a situação do Brasil é mencionada algumas vezes por Davis e Klein, em tom de preocupação. A guinada ultrarreacionária na política brasileira, sobretudo com a eleição de Bolsonaro, tornou ainda mais vulneráveis os segmentos sociais que historicamente já são marginalizados. Para piorar, durante a pandemia, a falta de planejamento e de projetos para lidar com a crise sanitária, até a data em que esta resenha está sendo escrita, ou seja, 28 de junho de 2020, ocasionou a morte de mais de 57 mil pessoas no país. E não para por aí. De acordo com monitoramento da Universidade Johns Hopkins (2020), o Brasil é o segundo país com mais diagnósticos da doença, e o segundo com mais mortes em números absolutos, perdendo o posto somente para os Estados Unidos de Donald Trump. É a necropolítica a todo vigor.

Naomi Klein, ao ser provocada por McHarris sobre qual a sua avaliação sobre a pandemia, é taxativa: o capitalismo em que estamos mergulhados é um desastre; e essa crise é fruto e expressão do próprio sistema capitalista, que não respeita a natureza e que é capaz de sacrificar seres humanos em nome do lucro. Em seu discurso, Naomi Klein ancora-se na crítica ao modelo de capitalismo presente nas sociedades mundiais – que ela chama de **capitalismo do desastre** - e afirma que a “pandemia é a expressão da guerra contra a natureza” (DAVIS, KLEIN, 2020, p.12). Uma vez que o capitalismo do desastre, por meio da suspensão de regulamentações ambientais, atinge cada vez mais as reservas naturais em todo mundo, mudando o ecossistema e o meio ambiente. A crítica da ativista direciona-se ao protótipo capitalista sustentado pelos grandes conglomerados de empresas transnacionais que vêm destruindo territórios inteiros em busca de riquezas minerais, enquanto milhões de pessoas em todo mundo continuam sofrendo privação de alimento e água potável.

Já Angela Davis observa a importância da manutenção dos vínculos afetivos nessa época de distanciamento social e, a partir da perspectiva do abolicionismo penal defendido pela autora, chama atenção para a situação das pessoas privadas de liberdade que, nesse momento de pandemia, estão num grau ainda maior de vulnerabilidade social devido à superlotação e à falta de infraestrutura nas penitenciárias. Ressalta que, mesmo as medidas adotadas pelo estado da Califórnia de conceder liberdade aos presos, não foi suficiente devido ao enorme número de apenados no país e que a prioridade dada aos indivíduos mais velhos não apresenta um impacto real, visto que o envelhecimento é muito maior dentro do sistema penitenciário. A escritora ressalta também o empenho das organizações não governamentais que trabalham junto ao sistema judiciário na utilização de medidas de soltura para adolescentes aprisionados em instalações juvenis.

O discurso de Angela Davis sobre encarceramento, muito afinado aos recentes e tristes acontecimentos ligados a práticas racistas em solo norte-americano, traz à tona a existência da grande indústria prisional nos EUA. Davis relaciona a crise na saúde americana iniciada na década de 1980 - com a privatização do sistema de saúde - ao crescimento do sistema carcerário que utiliza dispositivos para aprisionamento dos grupos negros e latinos, e afirma que o “desencarceramento é uma importante estratégia abolicionista. E isso precisa acontecer não apenas para aqueles que estão atrás das grades, mas pela saúde de todos” (DAVIS, KLEIN, 2020, p.19). A leitura da autora nos impele ao reconhecimento do sistema capitalista como grande responsável pelo aprisionamento de pessoas devido aos altos preços dos serviços de saúde, educação e moradia nos EUA.

Além disso, Davis traz questões do campo social para a esfera feminista: o abolicionismo penal, o racismo e a falta de moradia que impactam diretamente a vida de milhões de mulheres de todas as cores e origens étnicas do planeta, uma vez que elas estão na linha de frente das atividades essenciais e nos serviços de saúde. Essa narrativa tecida por Davis dialoga com a proposta decolonial da feminista Françoise Vergés (2020) quando afirma que a luta feminista

decolonial é considerada uma ameaça pelos regimes autoritários e pela dominação masculina, e que, ao trazer das margens as lutas revolucionárias dos povos não brancos, o feminismo decolonial propõe uma “divisão igualitária dos privilégios concedidos aos homens brancos em razão da supremacia racial branca”. (VERGÉS, 2020, p.22).

Para além dessas questões, Angela Davis denuncia a crescente violência sexual e agressões físicas contra mulheres e crianças, nesse momento de isolamento e distanciamento social.

A ativista Cindy Wiesner, representante do *Grassroots Global Justice*, observa que a pandemia traz uma oportunidade de pensar novos caminhos para reorganização da sociedade global, sendo necessário um posicionamento contra as medidas autoritárias dos governos a respeito das guerras, da militarização e pelo fim das invasões territoriais. O discurso de Wiesner chama a atenção para outros modelos sociais desenvolvidos por sociedades que utilizaram alternativas distintas do sistema capitalista. Cita, como exemplo, as experiências de bem viver de diferentes povos indígenas dos Andes, distantes do modelo racista, colonial, patriarcal e capitalista desenvolvido nos últimos séculos.

Wiesner articula três pontos fundamentais para o enfrentamento da crise causada pelo capitalismo: o desmantelamento do sistema colonial e neoliberal, o corte dos orçamentos militares que financiam guerras territoriais e o fim dos benefícios concedidos aos empresários para salvação de empresas transnacionais, o que trazem sérios prejuízos à população.

A reflexão de Cindy Wiesner nos provoca a lutarmos pelo direito à cidadania e por articulações em torno do direito à moradia. Impulsiona-nos a uma luta por direitos sociais e políticos não só para nos colocarmos contra determinados modelos de políticas excludentes, mas para formação de vozes que reivindiquem seus desejos.

Maurice Mitchel, diretor do *Working Families Party*, nos propõe pensarmos as mudanças comportamentais que o distanciamento social impôs nas formas tradicionais de ativismo político delineadas pelos contatos sociais dentro das comunidades que nortearam a condução de um trabalho por meio de envio de mensagens e do desenvolvimento de iniciativas de sinalização, através do uso de bandeiras coloridas para informação sobre a necessidade das famílias.

As palavras de Mitchel ressaltam a importância da participação da sociedade civil na política norte-americana. Ao destacar a desobediência civil na condução de greves, no não pagamento de alugueis, funciona como um chamamento à criação de uma rede de solidariedade que seja capaz de motivar o desenvolvimento de uma agência dos trabalhadores em prol de uma democracia que seja real e construída com todos e para todos.

Por sua vez, Loan Tran (*Southern Vision Alliance*) observa traços racistas e xenofóbos no discurso do presidente norte-americano Donald Trump, ao culpabilizar a China como agente disseminadora do vírus, associando essa prática ao capitalismo racial que tem como componentes principais a supremacia branca, a antinegitude e o racismo. E, ao mesmo tempo, afirma que a narrativa defendida pelo presidente mascara o apoio que empresas multinacionais, como a *Amazon*, têm recebido.

O livro “Construindo movimentos: uma conversa em tempos de pandemia” é um convite à reflexão sobre esse momento histórico em que vivemos, no qual existe, em vários países do mundo, a criação de *fake news* sobre essa nova doença que ceifou, até o momento, mais de 500 mil pessoas em todo planeta. As diversas narrativas dos ativistas nos oferecem um rico panorama da barbárie provocada pelo capitalismo racial em todo mundo, com a sua busca pelo lucro, à medida que ignora ou minimiza as mortes de idosos, crianças, mulheres e populações negras; grupos esses não considerados sujeitos de direitos numa sociedade colonial e neoliberal. E, ao mesmo tempo, o livro nos instiga e nos ensina que as lutas sociais impetradas em escala mundial são o caminho para a construção de uma realidade social, econômica e cultural menos desigual.

Referências

DAVIS, ANGELA. **Dr. Angela Davis at Black Queer Town Hall 2020**. Canal do Black Queer Town Hall no YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CMIUjgZj-sl>. Acesso em 28 jun. 2020.

FOUCAULT, MICHEL. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY & MEDICINE. **Coronavirus resource center**. 2020. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/> . Acesso em 28 jun. 2020.

MBEMBE, ACHILLE. **Necropolítica**. 3. ed., São Paulo: n-1 edições, 2018.

VERGES, FRANCOIS. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Recebido em: 17 de julho de 2020.

Aceito em: 14 de outubro de 2021.